TEXTO 2.1

Ciudades leídas, ciudades contadas

La ciudad latinoamericana como escenario didáctico para la enseñanza de la geografía

Compiladores
Nubia Moreno Lache
Alexánder Cely Rodríguez

REDLADGEO
Red Latinoamericana de Investigadores en Didáctica de la Geografía

Moreno Lache, Nubia
Ciudades leídas, ciudades contadas : la ciudad latinoamericana como escenario didáctico para la enseñanza de la geografía / Nubia Moreno Lache. – Bogotá : Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2011.
272 p.; cm. – (Libro universitario)
ISBN 978-958-8723-17-4
1. Geografía - Enseñanza superior 2. Historia - Enseñanza superior I. Tít. II. Serie.
910.7 cd 21 ed.
A1284488

CEP-Banco de la República-Biblioteca Luis Ángel Arango

© Universidad Distrital Francisco José de Caldas
© Facultad de Ciencias y Educación
© Fabián Araya Palacios, Alexánder Cely Rodríguez, Helena Copetti Callai, María Victoria Fernández Caso, Raquel Gurevich, Nubia Moreno Lache, María Raquel Pulgarín Silva, Elsa Amanda Rodríguez de Moreno, Liliana Angélica Rodríguez Pizzinato, José Armando Santiago Rivera, Lana de Souza Cavalcanti, Sonia Maria Vanzella Castellar, Carlos Alberto Zambrano Barrera, Carolina Zepeda Aguirre

ISBN: 978-958-8723-17-4
Primera edición: Bogotá D.C., marzo de 2011

Dirección Sección de Publicaciones
Rubén Eliécer Carvajalino

Coordinación editorial
Matilde Salazar Ospina
María Ximena Amado Sánchez

Corrección de estilo
Nathalie De la Cuadra N.

Diseño de cubierta de la colección
Carlos Vargas - Kilka Diseño Gráfico

Diagramación
Carlos Vargas - Kilka Diseño Gráfico

Impresión
Imprenta Nacional de Colombia

Fondo de Publicaciones
Universidad Distrital Francisco José de Caldas
Carrera 19 No. 33 -39.
Teléfono: 3239300 ext. 6206
Correo electrónico: publicaciones@udistrital.edu.co

Preparación editorial
Sección de Publicaciones
Universidad Distrital Francisco José de Caldas
Miembro de la asociación de
Editoriales Universitarias de Colombia (ASEUC)

Todos los derechos reservados. Esta obra no puede ser reproducida sin el permiso previo por escrito del Fondo de Publicaciones de la Universidad Distrital Francisco José de Caldas

Impreso y hecho en Colombia
Printed and made in Colombia

CONTENIDO

PRESENTACIÓN 7
Ciudades leídas, ciudades contadas. La ciudad latinoamericana como escenario didáctico para la enseñanza de la geografía
Nubia Moreno Lache, Alexánder Cely Rodríguez

INTRODUCCIÓN 15
Leer, reflexionar y contar la ciudad como apuesta de enseñanza geográfica

¿Por qué una didáctica de la ciudad latinoamericana? 15
Elsa Amanda Rodríguez de Moreno

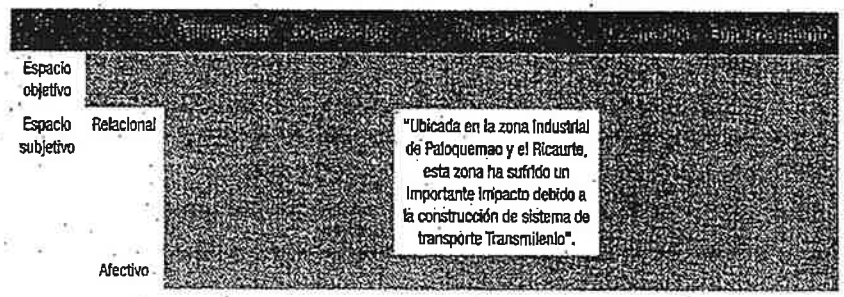
A Cidade Latino – americana como cenário didático do ensino de geografia 22
Sonia Maria Vanzella Castellar, Lana de Souza Cavalcanti, Helena Copetti Callai

LA CIUDAD LATINOAMERICANA COMO ESCENARIO DIDÁCTICO PARA LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA 45
Narrativa de ciudad a través de experiencias pedagógicas
Nubia Moreno Lache, Liliana Rodríguez Pizzinato

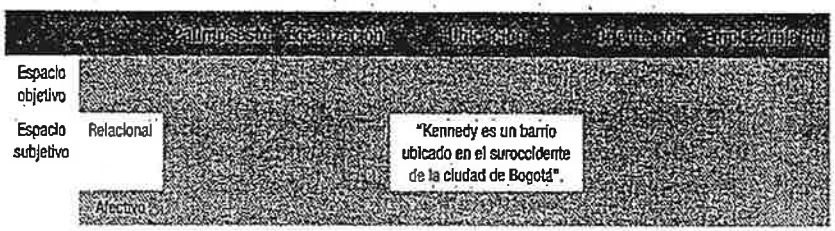
Buenos Aires: itinerarios para su enseñanza 74
Raquel Gurevich, María Victoria Fernández Caso

Percibir y aprender el espacio de la ciudad en la ciudad 112
Alexander Cely Rodríguez, Carlos Alberto Zambrano Barrera

Lugar: Calle 13 – Carreras 20 a 38



Lugar: Ciudad Kennedy



A cidade como método de estudo na educação geográfica

Sonia Maria Vanzella Castellar[1]

Introdução

O objetivo desse trabalho é oferecer uma análise que relacione o conhecimento geográfico com um projeto educativo que tenha a cidade como foco de estudo. Essa análise visa incorporar nos currículos de Geografia o tema cidade e processo de urbanização como método de estudo para compreender a estruturação das redes urbanas, a expansão da mancha urbana, as áreas com ocupação irregular e a formação da malha viária, entre outros fenômenos do cotidiano vivenciado pelos estudantes.

Para entendermos a complexidade das cidades, vale considerar as percepções e as concepções que temos sobre elas, o que pode significar, também, uma análise e uma leitura do olhar sobre a cidade em que vivemos. Portanto, partiremos de fundamentos teóricos para elaborar uma análise crítica acerca do município de São Paulo e como esse tema pode ser abordado na Geografia escolar, com a finalidade de estabelecer relações entre as práticas vivenciadas do espaço urbano.

Educação geográfica a partir da cidade

A contribuição que trago sobre a educação geográfica diz respeito à organização curricular tendo como foco o estudo da cidade. A pertinência desse estudo está no fato de se criar nas escolas projetos didáticos que representam concretamente relações entre o saber e o fazer geografia. Representa, ainda, um avanço do ponto de vista do currículo escolar, pois para estudar Geografia podemos estruturar um projeto educativo tendo como início o estudo da cidade.

1 Professora do Departamento de Didática e Metodologia do Ensino da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – Brasil. Coordinadora Redladgeo.

Os projetos didáticos coletivos articulam algumas áreas do conhecimento para estudar a cidade, ampliando a compreensão sobre ela, assim o urbano e a cultura urbana têm importância para o método de análise do fenômeno investigado. Trazer para o currículo da Geografia a cidade como espaço de aprendizagem passa por compreender a sua função, a sua gênese e o processo histórico no qual foi produzida, podendo estabelecer uma nova referência para a Geografia escolar.

Fazer da cidade um objeto de educação geográfica significa superar a superficialidade conceitual e estabelecer uma relação mais eficaz entre o saber formal e o informal. Em relação à educação geográfica implica em afirmar que o trabalho de campo é o elo entre a cidade e o ensino, na medida em que saímos da sala de aula para observar e aprender a pesquisar.

Nessa perspectiva, descobre-se que a cidade é mais do que uma decodificação das informações que ela revela na sua aparência. Não significa retomar as temáticas escolares em relação ao que está próximo ou distante, trabalhar o entorno por ele trazer conteúdos de mais fácil entendimento ou simplificar o objeto que se busca conhecer – a relevância dessa proposta está na possibilidade de qualificar o estudo da cidade, do urbano e da cultura urbana, como um estudo interdisciplinar que não justapõe conhecimentos mas articula conceitos e conteúdos. Por isso, pode-se considerar este estudo como uma metodologia para se ensinar Geografia.

Como elaborar esse trabalho? Para dar o significado que esse tema merece, retoma-se alguns segmentos, citado por Abreu (1994, p. 208), descritos na pesquisa de P. Monbeig, são eles: *o sítio, a posição, a evolução histórica, a fisionomia e estrutura, as funções urbanas e o raio de ação da cidade.* Para estudar a cidade é preciso saber qual é o meio natural (localização do sítio), as características dos solos; as bacias hidrográficas; a origem de sua formação territorial e populacional e, analisar a cartografia da cidade em questão. No entanto o cotidiano contribuirá para se perceber as diversas cidades que existem em uma cidade (guetos, tribos, comunidades, bairros.) ampliando a dimensão limitada que às vezes se tem dela. Nesse sentido, a cidade pode ser entendida pela dinâmica do território, o que requer o uso de escalas de análise que estabelecem o nível de interpretação do que se investiga.

Ao se estudar a cidade observa-se as áreas comerciais, o centro histórico, as áreas residenciais, a ocupação irregular, a exclusão geográfica, ou seja, investiga-se o espaço, compreende-se o valor da cidade e vincula o valor do

local e o sítio com o relato dos habitantes, que caracteriza a paisagem com a localização dos elementos locais. Pensar a cidade educadora é situar-se e sentir-se cidadão é se conscientizar do sentimento de pertencimento.

Estudar a cidade na dimensão da *educação geográfica* contribui para que se reconheça a ação social e cultural de diferentes lugares. Isso porque a vida em sociedade é dinâmica e o espaço geográfico absorve as contradições em relação aos ritmos estabelecidos pelas inovações no campo da informação e da técnica, o que implica, de certa maneira, alterações no comportamento e na cultura da população dos diferentes lugares.

Além disso, considera-se o *tempo* (social) como mais um constituinte do espaço geográfico: observamos diversos elementos em que o tempo pode ser percebido, tanto no que se refere às mudanças no cotidiano, materializado nas construções, nos estilos arquitetônicos, na organização das vias de circulação e meios de transporte, quanto na natureza, as alterações no modelado do relevo, nas bacias hidrográficas e cursos de rios, nas coberturas vegetais substituídas pelas indústrias e nos campos, revelam em suas formas, simultaneamente, o passado e o presente. Tudo isso resulta de um processo na produção e organização do espaço, analisado a partir das relações sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais.

O espaço geográfico não é apenas um lugar onde se encontram os objetos técnicos, transformados ou não; nele há relações simbólicas e afetivas, que revelam as tradições e os costumes, indo além da relação ser humano-natureza. Nesse contexto, ao observar os elementos que compõem o espaço vivido, percebe-se a dinâmica das relações sociais presentes na organização e produção desse espaço, o que significa, também, compreender o processo de construção de sua identidade individual e coletiva.

Estudar as mudanças que ocorreram nos sítios geográficos e relacioná-los com a ocupação dos lugares no passado e presente, mostrando que não é possível entender as transformações das cidades e do campo sem compreender a dinâmica da natureza, o que resulta em uma visão menos fragmentada da sua realidade. Por isso, há a necessidade de se estabelecer relações entre relevo, solo, hidrografia, clima, cobertura vegetal, em diferentes escalas, e tendo uma maior clareza da ocupação do lugar. Muitas vezes observamos fotografias antigas nas quais identificamos ruas de terra, não há vias de passagens para os carros, as casas foram construídas com a técnica de taipa. Em seguida observamos outra do mesmo lugar que as ruas já estão asfaltadas,

as vias de circulação deram lugar aos automóveis e as casas são de alvenaria. A partir do estudo da cidade e das observações percebe-se que ocorreram mudanças na produção dos objetos, na organização das cidades, no modo de vida das pessoas e no uso que as pessoas fazem dos lugares.

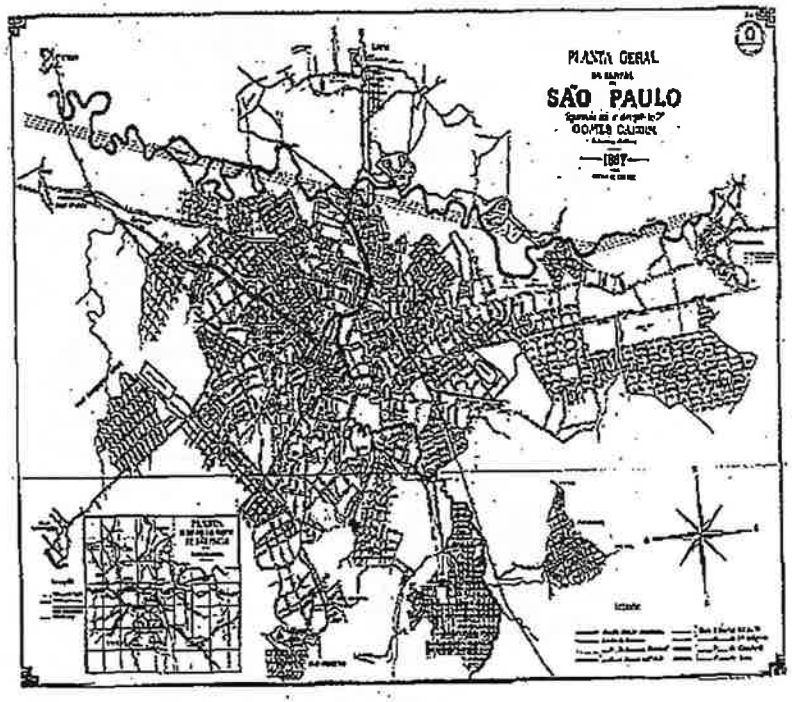
Se tomarmos a análise escrita por Pierre Monbeig (2004, p. 117) à respeito da cidade de São Paulo tem-se um olhar semelhante ao descrito anteriormente: "São Paulo não é apenas o resultado do seu local, da sua situação e do seu clima: antes disso tudo, é o produto do trabalho dos homens que, em épocas diferentes, conforme as circunstâncias históricas mutáveis tiraram partido da natureza inerte".

A continuidade do estudo sobre as cidades latino-americas mostra que o que difere São Paulo de outras cidades brasileiras ou sul-americanas é o processo de ocupação que se deu na bacia sedimentar do rio Tietê seguindo em direção as terras cristalinas. *Os primeiros habitantes de São Paulo descobriram que os elementos do sitio urbano é essencialmente a bacia aluvial do Tietê, aumentada pelas dos pequenos afluentes da margem esquerda. As pradarias inundáveis, entrecortadas por moitas nas várzeas, savanas, com algumas arvorezinhas e pequenos bosques nas cabeças dos barrancos,* conforme Monbeig (2004, p. 119).

Dessa forma, o olhar geográfico pode ser estimulado ao comparar diferentes espaços e escalas de análises, possibilitando superar a falsa dicotomia existente entre o local e o global, superando o senso comum na ordenação concêntrica dos conteúdos geográficos, que acaba gerando um discurso descritivo do espaço geográfico. Há também, que se pensar em princípios metodológicos que norteiam a geografia, como a localização, o de extensão e o de analogia ou comparação, nesse caso, compreende-se a importância de se estabelecer relações entre essas escalas, criando condições para que o aluno ordene os espaços estudados, comparando os fenômenos geográficos, ampliando a idéia de escala.

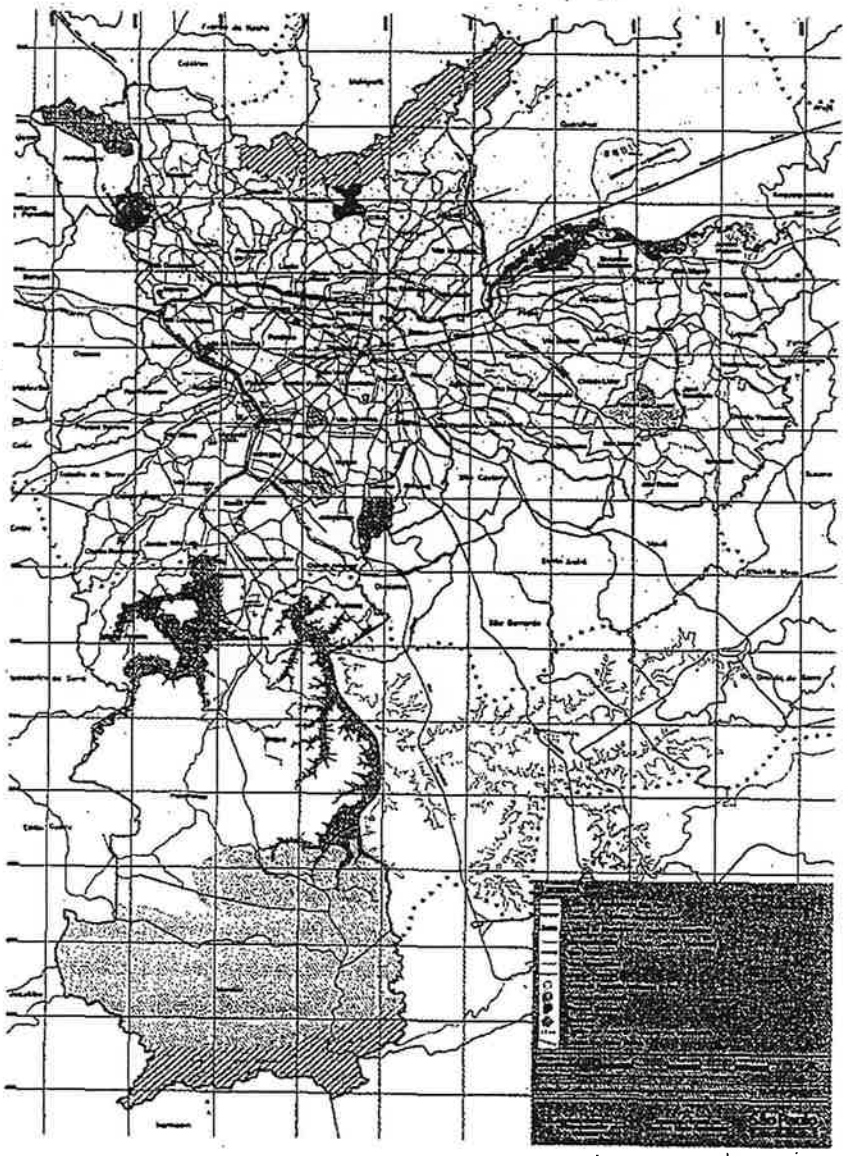
Essa idéia se reforça, pois alguns autores, como Callai (2005) e Batllori (2002, p. 11) chamam a atenção sobre a importância de se eleger uma escala de análise e em seguida outra, para que se consiga explicar o processo de generalização dos elementos e fenômenos de uma área, porque em função da escala pode-se perder a noção de conjunto ou de detalhes do que está se estudando.

A Expansão Urbana da Cidade de São Paulo em 1897



Fonte <http://200.230.190.125/atlas/conteudo/metro/metro_04.htm>. Acesso em 20/08/2007.

A Expansão Urbana da Cidade de São Paulo em 2002



Fonte http://atlasambiental.prefeitura.sp.gov.br/mapas/102.jpg. Acesso em 20/08/2007.

A interpretação dos fenômenos geográficos ganha significado quando o aluno entende a diversidade da maneira como se dá organização dos luga-

res, quando compreende o conceito de território, por isso reafirmamos que a leitura de mapas e a elaboração de mapas cognitivos são imprescindíveis para a compreensão do discurso geográfico.

As dimensões gênese, da função e do processo histórico existentes nos estudos das cidades nos remetem a conhecer a origem da cidade de São Paulo, suas cadeias produtivas e funções econômicas, além de todas as transformações ocorridas em diferentes momentos históricos.

A Cidade de São Paulo: um estudo de caso

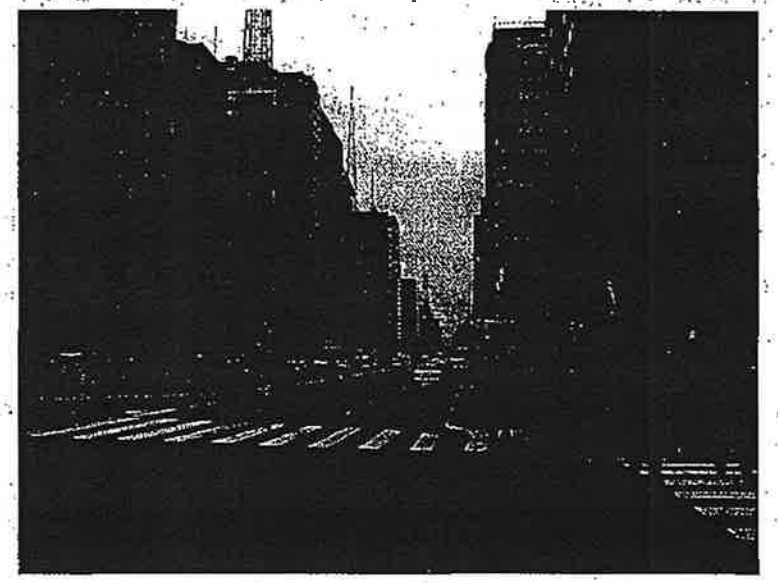
Ao centrar o estudo na cidade como lugar de vivência, entendemos ser possível estabelecer as bases para a compreensão de aspectos significativos da realidade do ensino e aprendizagem de Geografia. Além do estudo sobre o lugar, que é fundamental para percebemos o cotidiano, o modo de vida, o vivido pelas pessoas, há também que se destacar a cidade como referência espacial, com um arranjo produtivo que envolve pessoas e mercadorias, caracterizando como o local das relações econômicas e sociais.

Assim, para se conceituar a cidade como um fenômeno importante na evolução da humanidade, compreendida como um conjunto de objetos e ações. Para se pensar a cidade como um projeto educativo, leva-se em conta que a cidade tem características multiculturais, que convivem e se relacionam formando múltiplas identidades, valores e regras que se interrelacionam.

Nessa perspectiva Bernet (1993:194) apresenta três dimensões da relação entre educação e cidade, com as quais concordamos. A primeira consiste em *aprender na cidade*, isto é a cidade é o conteúdo na medida em que se estuda as relações entre as instituições, considera-se a organização e a ordenação do território, as histórias de vida, a memória da cidade a partir das construções e dos bairros. A segunda dimensão trata-se do *aprender da cidade*, considera o meio urbano um agente educador, um emissor de informação e de cultura; ou seja, um olhar da cidade em relação as regras urbanas, as diferentes culturas que caracterizam os bairros ou tribos urbanas, a convivência nos lugares públicos. Por fim, a terceira dimensão é a que considera a cidade como conteúdo educativo; a expressão que a define é *aprender a cidade*. Essa reflexão pode suscitar algumas questões: em que medida os cidadãos têm tido nas cidades o direito de viver na cidade, de circular por ela e seus lugares, de consumir seus e nesses lugares? Como estabelecer uma corrente

de pensamento pedagógico que torna a cidade um local onde se materializa a educação geográfica?

Foto Cidade São Paulo



Fonte Compiladores.

Nesse contexto, Bernet (1993, p. 194) corrobora essa análise ao afirmar que

> La escuela-ciudad constituye también una estrategia pedagógica de tipo propedéutico para formar al ciudadano adulto. Así, Piaget, comentando favorablemente el self-government, escribía: 'Más que imponerse a los niños un estudio completamente verbal de las instituciones de su país y de sus deberes ciudadanos, está efectivamente muy indicado aprovechar los tanteos del niño en la constitución de la ciudad escolar para informarle sobre el mecanismo de la ciudad adulta'.

Compreender a cidade nessas dimensões e considerá-la parte da escola uma estratégia pedagógica configura reconhecê-la como um meio em que a escola está inserida; a cidade não terá o papel de substituir a escola na formação educativa, ela é o objeto de estudo que dinamizará a prática docente e tornará a Geografia mais significativa.

A cidade é um espaço público por constituir-se no ambiente da vida coletiva; algumas pessoas são responsáveis pela sua gestão e precisam, também, viabilizar e incentivar essa vida coletiva, orientar para a coexistência humana. Seu arranjo, sua configuração é, em si mesmo, um espaço educativo. Nesse sentido, o exemplo é como tornar o município de São Paulo em uma cidade educadora. A partir das observações e das percepções que se faz da cidade pode-se compreender os seus arranjos espaciais, seus sinais, sua arquitetura, suas imagens, a circulação da população e as várias redes formadas espacialmente. Ela também é um conteúdo a ser apreendido por seus habitantes, por isso *estudar a cidade, a terceira dimensão.*

Fundada em 1554, por mais de 200 anos, São Paulo foi uma vila pobre. As famílias que ali moravam viviam de pequenas roças de arroz, feijão e milho, num tipo de ocupação do solo chamado agricultura de subsistência. Durante os séculos XVI e XVII, a vila de São Paulo, assim como todo o estado, vivia da pequena agricultura. Nessa época, a principal atividade econômica brasileira era o cultivo da cana-de-açúcar, cujas lavouras estavam localizadas no Nordeste. No final do século XVII, com a descoberta das minas de ouro em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, o Brasil Central tornou-se economicamente importante, passando a atrair um grande número de pessoas. Vilas e cidades foram fundadas. São Paulo continuava pobre e desinteressante, mas começou a crescer, pois abastecia a região das minas com frutas, hortaliças e cavalos.

Os habitantes eram predominantemente homens velhos, mulheres e crianças. Por não ter onde trabalhar, os homens fortes partiam para o interior e ficavam meses fora de suas casas, andando pelas matas em busca de índios para escravizar e de minas de ouro e pedras preciosas. Esses homens organizavam-se em grupos, as Bandeiras, e embarcavam em canoas pelo rio Tietê – que na época se chamava Anhembi — ou se embrenhavam pelo mato, a pé ou a cavalo.

Em 1711, São Paulo passou à categoria de cidade. Continuou a crescer e se tornou o centro comercial dos produtos que vinham do interior do estado. Por volta de 1865, p transporte utilizado em São Paulo eram as mulas e os carros de boi. De lá para cá muita coisa mudou, os ranchos dos tropeiros daquela época foram substituídos pelas estações rodoviárias e ferroviárias. Já em 1872, São Paulo não passava de um modesto centro administrativo, com aproximadamente 26.040 habitantes e 64.934 habitantes em 1890.

As mudanças foram lentas e pouco a pouco a população foi aumentando, por exemplo, com a chegada dos escravos negros, que foram forçados

a trabalhar como mão-de-obra nas fazendas, substituindo os índios. A cafeicultura, em meados do século XIX, começou a se expandir para São Paulo. A mão-de-obra continuava sendo escrava. Quando, posteriormente, o tráfico negreiro foi proibido, a solução que os fazendeiros encontraram para substituí-los foi incentivar a vinda de europeus ao Brasil, para trabalhar como colonos nas fazendas de café.

Em 1893, a cidade já tinha 192 mil habitantes e em 1920 579.033 habitantes. Carros e bondes puxados por burros circulavam pelas ruas e a iluminação era a gás. Começava uma nova era. Os rios e córregos ainda eram limpos e as pessoas podiam passar suas horas de lazer às margens dos rios Pinheiros e Tietê.

São Paulo torna-se o maior aglomerado urbano do Brasil desde o final do século XIX, São Paulo ganhou mais claramente ares de vida urbana. Um sintoma desse fenômeno será o consumo de energia de 588.488 KWH em 1938 a 1.425.445 em 1948. Isso significa expansão da política cafeeira e ampliando a permanência dos fazendeiros na cidade, devido as atividades sociais, políticas e econômicas (São Paulo abrigava a Bolsa de Valores, que estabelecia o preço do café). Essa mudança acabou integrando o campo com a cidade, apesar de ambos apresentarem características diferentes. Tornara-se a cidade que empregava nas fábricas cerca de 174.367 operários em 1940 dobrando esse número em 1950.

Essas mudanças provocaram a necessidade de modernização, e empresas estrangeiras começaram a se interessar em investir no Brasil. É o caso da Light (empresa de energia elétrica do Canadá), que propôs ao governo brasileiro outro tipo de transporte: os bondes elétricos. Essa empresa obteve do governo brasileiro a licença para explorar os transportes urbanos de São Paulo durante 100 anos. A Light não só administrou os transportes como também forneceu energia elétrica à cidade.

Apesar das muitas contradições econômicas e sociais acabou recebendo inúmeros migrantes, portugueses, espanhóis, italianos e japoneses, dando-lhe uma característica multicultural. Ao mesmo tempo é considerada uma metrópole nacional, com um importante centro financeiro e industrial. Com o crescimento urbano, sediando a praça comercial e financeira, além de se tornar um centro intelectual e político, estimulou as melhorias na infra-estrutura urbana com a iluminação elétrica, os bondes e as moradias e os

bancos. O crescimento populacional, assim, as condições para o crescimento urbano estavam dadas tanto física, quanto locais e regionais.

De maneira geral, a organização de muitas cidades está relacionada com as trilhas, os trajetos, os caminhos, as estradas, as ruas e os meios de transporte utilizado pelas pessoas. Estudar a cidade é assumir uma postura que revela claramente uma dimensão teórico-metodológica.

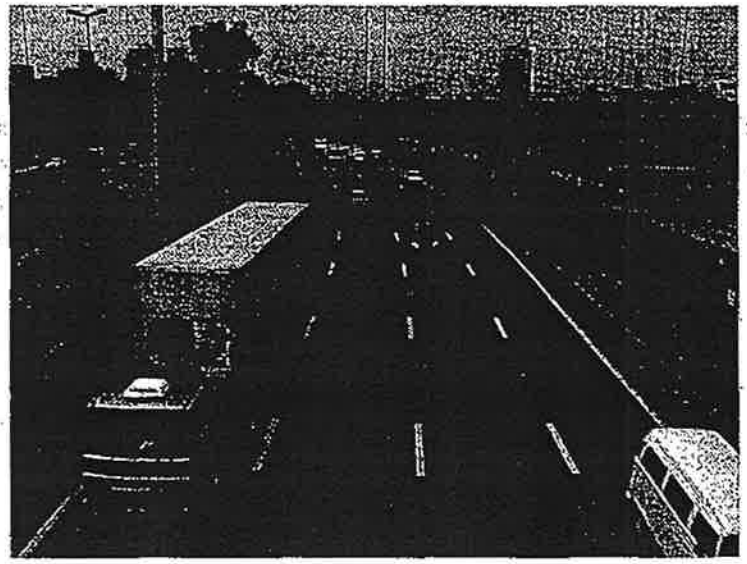
A metrópole de São Paulo, por outro lado, sofreu alterações econômicas fundamentais no decorrer de sua história, gerando novos processos sócio-espaciais. Para entendê-los é necessário analisar as transformações técnicas do processo produtivo e das formas gerais de organização da produção. A metrópole tem hoje uma estruturação espacial que foi fruto do desenvolvimento produtivo comandado pelos agentes econômicos e políticos.

Para compreender o processo da transformação da cidade de São Paulo em uma *megalópole* mundializada, é preciso observar que ela foi no decorrer do tempo adquirindo *status* econômicos diferenciados. São Paulo foi se transformando, passando por diversas características econômicas; num momento se apresenta como *capital agrícola*, ou seja, aquela que concentrava o poder das negociações referentes às exportações e distribuição da produção agrícola do Estado de São Paulo, cujos resultados excedentes foram paulatinamente sendo investidos na indústria nacional. São Paulo tornou-se a *capital industrial* e durante muitos anos comandou esta produção, organizando os fluxos produtivos em todo o território nacional. Agora, mais recentemente, vem se tornando a *capital dos serviços*, responsável pela formação de um novo complexo de produção, com destaque para o setor terciário e informacional (quaternário).

Hoje, São Paulo é a maior cidade do Brasil e uma das maiores da América Latina. Mas se antigamente seu crescimento era motivo de orgulho, tornou-se motivo de preocupação, na medida em que o aumento populacional e, consequentemente, da mancha urbana implica em infra-estrutura compatível com as demandas. Atualmente, são 9,6 milhões de habitantes que disputam cada centímetro de asfalto, moradias e áreas de lazer. Esses habitantes compõem a população da Região Metropolitana de São Paulo totalizando 18 milhões de habitantes e 39 municípios. São 9,0 mil ônibus, cerca de 3,6 milhões de carros particulares e 5 linhas de metrô e trem com aproximadamente 110 trens circulando por dia. Nesse quadro a população do município de São

Paulo se depara com a periferização da pobreza, as desigualdades internas mantêm-se e se reproduzem à medida que a cidade se expande.

Foto Cidade São Paulo



Fonte Compiladores.

O crescimento urbano de São Paulo de um modo geral trata-se de um processo associados ao acelerado e desigual que acentua a exclusão socioespacial de parte dos habitantes de São Paulo em função da periferização da população de baixa renda, associada à desconcentração industrial; o transbordamento contínuo da metrópole do seu sítio urbano original e a deficiente rede de transporte de massa.

Apesar da cidade de São Paulo ter perdido algumas indústrias que se transferiram para o interior do Estado ou para outro Estado da região Nordeste. Mesmo assim São Paulo continua sendo o centro econômico do País e uma importante cidade industrial com aproximadamente 620.000 trabalhadores nas indústrias, apesar desse número ser grande, nas últimas décadas São Paulo perdeu cerca de 380.000 empregados nesse setor. Por isso, a cidade de São Paulo passou a ser uma referência parar o setor de serviços produtivos.

A história dessa cidade apresenta contradições e contrastes. Em São Paulo, o velho atualmente convive com o moderno, o bonito com o feio e a natu-

reza com o cimento armado. Aos poucos, os rios foram sendo canalizados. Muitos, hoje, se encontram poluídos. As árvores foram derrubadas, dando lugar a novos bairros e praças.

Aprender com a cidade é facilitar e socializar o processo de aprendizagem, porque os alunos poderão articular os conceitos científicos em redes de significados, incorporando inclusive os de outras disciplinas escolares, poderão elaborar mapas e roteiros a partir da observação do cotidiano, fazer leituras de mapas e organizar instrumentos de pesquisas para descobrir e analisar as várias cidades e itinerários que existem em uma cidade. Compreender a espacialidade da cidade e seus valores.

A cidade é a referência básica para a vida cotidiana da maior parte das pessoas, nas ruas e nos meios de comunicação observam-se as propagandas dos produtos industrializados, dos produtos "orgânico", essas mercadorias podem ser consumidas em diferentes lugares. Para serem consumidos o comércio fundamenta-se no desejo e no estilo de vida adotado pelas pessoas e com isso estimula-se o consumo. Conseqüentemente, as indústrias articulam-se com as agências de propagandas para expandir o consumo dos seus produtos.

Em função do ritmo e circulação de pessoas e mercadorias a cidade torna-se educadora, forma valores e comportamentos, estabelecendo relações entre as cadeias produtivas de diversos setores da economia, alterando seus arranjos espaciais e ensinando como ela é, ou seja, *aprender na cidade*.

Essa reflexão suscita algumas questões: como é a vida e a compreensão desta realidade vivida pela população da cidade? Em que medida os cidadãos têm tido nas cidades brasileiras o direito de viver na cidade, de circular por essa cidade e seus lugares, de consumir seus lugares e de consumir nesses lugares?

O conceito de lugar é significativo no estudo da Geografia, especialmente ao se considerar que num tempo de globalização é fundamental perceber que é em lugares determinados, específicos, que este processo se concretiza. Ao mesmo tempo em que o movimento de globalização tende a homogeneizar tudo e todos os espaços, a diferenciação num movimento contrário se intensifica, pois os habitantes de um lugar – os grupos sociais, as pessoas, não reagem da mesma forma. Cada lugar assume as marcas que lhe permitem construir a sua identidade. "O processo de Globalização impõe uma lógica que fragmenta os espaços para além de suas divisões político-administrativas

e, nesta perspectiva, torna-se indispensável analisar de modo crítico qual o novo lugar que se atribui aos velhos lugares" (Callai, 2002).

Ao se configurar de forma diferenciada, cada espaço assume as características próprias resultantes do jogo de forças entre as marcas internas e externas, e se define no contraponto com os outros lugares, assumindo a sua identidade. As cidades são, portanto, o resultado deste jogo de forças, em que o movimento homogêneo do mundo e do conjunto da nação se constitui como tentativa de se impor sobre os movimentos específicos do lugar, gerando do resultado desta complexidade a feição que lhe permite a construção da sua identidade. Os problemas, que são gerais, assumem as marcas do lugar e a forma como eles se expressam é possível diante da realidade global.

Para efeitos de comparação, faz-se necessário eleger outras cidades ou que fazem parte da região metropolitana ou de outro estado ou país, porque ao definir os objetivo de aprendizagem, escolhe-se a escala de análise. Ao realizar um estudo que auxilia na construção dos conceitos de lugar, cidade, urbano, redes entre outros se espera que a observação dos bairros, a leitura de mapas e a compreensão da realidade dê um significado para o ensino de geografia.

A educação Geográfica

Muito embora se assuma que a metodologia de ensino está articulada com alguns fundamentos das teorias da aprendizagem, percebe-se que existe um certo desconhecimento sobre as concepções e o sentido da aprendizagem na prática docente. Às vezes, para não dizer freqüentemente, o que ocorre é uma preocupação com o conteúdo sem que, entretanto, se saiba como fazer para que o aluno realmente aprenda e não simplesmente memorize, na medida em que ele não é um depósito de informações.

As atividades educacionais e pedagógicas que realizamos no dia-a-dia deveriam ser enquadradas numa concepção construtivista da aquisição do conhecimento. Contudo notamos que o conhecimento formalizado e adquirido na escola acaba diminuindo a capacidade de construção do aluno. Obter conhecimento não é acumular conteúdos. Nesse sentido, concordamos com González (1999, p. 81) quando afirma que:

> Programar una asignatura de geografía, o área de conocimiento donde se insertan contenidos geográficos, implica determinar en qué modelo educativo se sitúan las actividades planificadas. Para ello es necesario conocer tanto los elementos técnicos de una programación escolar, como saber interpretar los objetivos en relación a los criterios didácticos que se derivan de la investigación educativa de la propia materia.

É dessa maneira que entendemos que um conceito cotidiano pode ser desenvolvido em sala de aula, possibilitando um caminho para o desenvolvimento, ou seja, a evolução do conceito cotidiano em conceito científico, requalificando as hipóteses conceituais dos sujeitos analisados, por exemplo, em nosso caso, o professor.

A idéia é a de se trabalhar com esses conteúdos para que se transformem em ferramentas conceituais para o pensamento do aluno. Esses conceitos permitem a ele, no estudo da Geografia, localizar e dar significação aos lugares, pensar nessa significação e no papel que os diferentes lugares têm na vida cotidiana de cada um, além da dimensão cultural.

Nas pesquisas divulgadas a respeito do ensino de Geografia, sobretudo a respeito da metodologia desse ensino, tem-se falado muito em como deve ser a prática, como se deve ensinar, que diretrizes podem ser consideradas mais elementares, que objetivos devem-se perseguir na realização dessa prática. Porém, para que se possa avançar a investigação, é importante investir no sentido de compreender como esse ensino se realiza de fato, com que concepções o professor conta para encaminhar suas atividades de ensino. Insere-se aqui o nosso entendimento de que o ensino e a formação do professor só podem se efetivar mediante o tratamento adequado dos conteúdos específicos da matéria com que ele trabalha.

Ao se organizar o currículo escolar não se trata de uma mera transposição didática daquilo que é discutido na academia. Os conteúdos disciplinares não são meras imposições à escola pela sociedade que a rodeia, porém essa relação não ocorre sem que haja conflitos, o que acaba individualizando a organização curricular, ou seja, há um processo de constituição do currículo (e um currículo, como resultado desse processo) próprio de cada escola. Assim, a escola não é uma retransmissora de saberes que foram produzidos fora dela, mas tem como paradigma as ciências que são referências para cada uma das disciplinas escolares.

Assim, compreendemos que as discussões acerca da metodologia e da didática em Geografia só terão êxito no sentido social das aprendizagens

se estiverem articuladas aos conteúdos que lhe imprimem o significado. É por essa razão que temos o interesse de centrar a discussão no conteúdo de cidade, isto é, ter a cidade como um projeto de educação geográfica.

Uma das recomendações que temos feito para em metodologia do ensino de Geografia é a de se considerar o cotidiano, o espaço vivido como referência concreta para a compreensão do processo de urbanização.

Algumas considerações: a cidade como projeto

Esse é um projeto lento e de largo alcance. Para realizá-lo, é preciso tempo suficiente para que os conceitos (geográficos e cartográficos) sejam apropriados e internalizados. Para que se viabilize, é necessário o entendimento de que a cidade é a expressão de um modo de vida e de que esse modo de vida tem como sustentação um modo de produção.

Os mapas e as imagens criados pelos alunos durante as aulas podem ser utilizados como conhecimento prévio ou estratégias para aprendizagem, podem ser pontos de partidas para iniciar uma discussão e, ainda, mobilizar habilidades mentais (classificar, analisar, relacionar, sintetizar...), estimulando o pensar do espaço, a partir da observação e da comparação das influências culturais existentes nos diferentes lugares. Isso permite, também, aos alunos, entender os mapas como construções sociais que transmitem idéias e conceitos sobre o mundo, apesar da pretendida neutralidade e objetividade que os meios técnicos utilizam para confeccioná-los.

Não se trata de ensinar a cidade de modo tradicional, apenas definindo lugar e sociedade local, é preciso ter em conta todos os aspectos que estabelecem organização da cidade, as relações entre os diferentes lugares, a cultura dos grupos sociais, a economia e o processo histórico que operam em múltiplas escalas.

Trata-se, ainda, de criar espaços de encontros e análises junto com os membros das comunidades, para aprender a investigar, que despertem a curiosidade para o saber e que superem as práticas pedagógicas que reproduzem esquemas rígidos de aprendizagem. Todas as cidades educam, à medida que a relação do sujeito, do habitante, com esse espaço, é de interação ativa e dialética.

Destaca-se, assim, aqui, a possibilidade de se efetivar um projeto de cidade educadora, que significa, entre outras coisas, realçar seu caráter de agente formador, sua dimensão educativa. Todas as cidades educam, à medida que

a relação do habitante com esse espaço é de interação ativa, suas ações, seu comportamento e seus valores são formados e se realizam com base nessa interação.

Porém falar em cidade educadora no contexto da educação geográfica significa destacar a possibilidade de um projeto interdisciplinar mediado por um conceito que pode ser analisado por várias concepções, viabilizando o *estudo da cidade*, que compreendem os lugares como locais ligados às transformações de um modelo produtivo e de consumo que revelam os momentos históricos de ordenamento do território.

A intenção é elaborar um projeto para estudarmos e apreendermos elementos da formação e da ocupação do espaço urbano a partir da vivência nesses espaços, possibilitar uma prática educativa que estimule os alunos a serem sujeitos geográficos, raciocinando espacialmente, entendendo as relações entre os lugares, ou seja, um aluno portador de uma cultura que sintetiza sua experiência vivida no local e sua formação acadêmica e profissional, que lhe permitiu conhecer e analisar espaços urbanos numa perspectiva de totalidade.

Fazer da cidade um objeto de educação geográfica significa estabelecer uma relação mais eficaz entre a Geografia que se estuda e a que está presente no cotidiano das cidades. Nessa perspectiva, os alunos descobrem que a cidade é mais do que uma decodificação das informações que ela revela na sua aparência. Pode-se descobrir sua história, compreender e até questionar a organização dos bairros, a circulação das pessoas e dos meios de transporte, a oferta de espaços para lazer e cultura, a localização e distribuição do comércio e dos serviços como educação e saúde. No entanto será por meio da vida cotidiana que se perceberá as diversas cidades que existem em uma cidade, ampliando a dimensão limitada que às vezes se tem dela.

Trabalhando com a compreensão da cidade como sistema dinâmico por onde flui a cultura, ela aparece como abrigo de uma cultura e de um modo de vida. Nesse sentido, uma obra de arte é um objeto cultural que, ao circular na cidade para ser estudado como um elemento diferenciado na vida cotidiana, apresenta-se em espaços diferentes em relação àqueles que normalmente encontramos as obras de arte, em museus ou fixas em espaços públicos. O projeto educativo da cidade educadora contribuirá para que os estudantes percebam o lugar em que vivem e compreendam melhor as relações sociais e produtivas existentes.

Bibliografía

BATLLORI, R. (2002). La escala de análisis: un tema central en didáctica de la geografía. *Las Escalas Geográficas*, (32).

BLANCO, J. y Gurevich, R. (2002). *Una geografía de las ciudades contemporáneas: nuevas relaciones entre actores y territorios.* En S. Alderoqui y P. Penchansky. Ciudad y ciudadanos (pp. 17-22 y 67-92). Buenos Aires, Argentina: Paidós.

CAVALCANTI, L. S. (1998). *Geografia, escola e construção de conhecimentos.* Campinas: Papirus.

_____. (2001). *Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano.* In L. S. Cavalcanti (Org.) Geografia da cidade. Goiânia: Editora Alternativa.

COPETTI CALLAI, H. (2003 jan-mar). O Estudo do Lugar e a Pesquisa como princípio da Aprendizagem. *Espaços da Escola*, (47).

_____. (2003). *Do ensinar geografia ao produzir o pensamnéto geográfico.* In: N. Rego, *et al.* (Org.). Um pouco do mundo cabe nas mãos; geografizando em Educação o local e o global. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

DE ALMEIDA ABREU, M. (1994). *O estudo geográfico da cidade no Brasil: -evolução e Avaliação.* In Os caminhos da Reflexão sobre cidade e urbano (pp. 199-321). São Paulo: Edusp.

MANTILLA CASTELLAR, S. (1999). A formação de professores e o ensino de Geografia. *Terra Livre,* (14).

_____. (2003). *O ensino de Geografia e a formação docente.* In A.M. Carvalho (Coord.). *Formação continuada de professores.* São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

SANTOS, M. (2005). *Da totalidade ao lugar.* São Paulo: Edusp.

SOUTO GONZÁLEZ, X. M. (1999). *Didáctica de la Geografía: problemas sociales y conocimiento del medio.* Barcelona: Ediciones del Serbal.

TRILLA BERNET, J. (1993). *Outras educaiones: animación sociocultural, formación de adultos. Y ciudade educativa.* Barcelona: Anthropos.

Medellín como escenario didáctico en la enseñanza de la geografía

María Raquel Pulgarín Silva[1]

Introducción

Con la idea de compartir motivaciones, expectativas y posibilidades sobre la enseñanza significativa de la geografía y en especial en el estudio del territorio, presentamos la ciudad de Medellín como un sistema complejo y posibilitador de aprendizaje, donde la ciudad es entendida como medio didáctico, como objeto de enseñanza y como escenario propicio para el encuentro de los saberes cotidianos, el saber escolar y los saberes expertos.

Medellín es un territorio de dinámicas sociales, históricas y culturales muy polémicas y por momentos conflictivas; una ciudad con unos imaginarios y mitos generados alrededor de problemáticas como la violencia y el narcotráfico que le han hecho ganar calificativos y señalamientos ante el mundo como una de las ciudades más violentas. Es un espacio geográfico con unas características geofísicas y ambientales tan especiales que la hacen la ciudad de la "eterna primavera", la "ciudad de las flores", la "capital de la montaña", entre otros apelativos, con los que se destacan sus bondades paisajísticas y naturales, todo esto unido a la pujanza del pueblo paisa. Medellín es una ciudad ejemplo en el contexto nacional, y ha sido considerada durante años la ciudad industrial de Colombia. Hoy es una metrópoli con aproximadamente 2´500.000 de habitantes; un centro dinamizador en la región andina.

El presente trabajo ofrece unos referentes conceptuales que sustentan propuestas pedagógicas desde el estudio del territorio, así como un acercamiento a la ciudad de Medellín, espacio de contrastes y de una gran riqueza cultural en sus gentes. Se pretende generar en los docentes el deseo de leer la ciudad, de hacerla contenido de enseñanza desde áreas como las ciencias

1 Profesora Universidad de Antioquia. Medellín - Colombia. Miembro del Grupo de Investigación Didáctica de la Educación Superior (DIDES) en la línea Didáctica de la Geografía.